

Germinal!

Jornal anarquista

Administração: R. Felipe — Redacção: Florentino de Carvalho — Caixa postal, 134 — S. PAULO (Brasil)

ASSINATURA

Anual 10\$000

Semestral 6\$000

Revolta popular contra a carestia da vida e a lei de expulsão

Grandes comícios populares em todas as grandes cidades do Brasil, no dia 20 do corrente, para protestar contra a carestia da vida e a lei de expulsão de estrangeiros.

Em S. Paulo, no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Bahia, Minas, Ceará, em outros Estados e na Capital Federal, a agitação contra a carestia da vida e a lei da expulsão toma proporções inesperadas, estendendo-se por todo o país a revolta popular.

A anulação das classes laboriosas e a sua crescente rebeldia farão a burguesia ceder às suas justas reclamações.

A Confederação Operária Brasileira, todas as entidades operárias do Brasil e os convites da agitação contra a carestia da vida, estão desenvolvendo com grande actividade em quasi todas as cidades e povoações da Republica os trabalhos para a realização de grandes manifestações populares, que para protestar contra a carestia da vida e a lei de expulsão devem ter lugar no dia 20 do corrente.

EM SÃO PAULO

COMICIO MONSTRO

A Liga Popular contra a Carestia da Vida e as Sociedades Operárias desta cidade, estão ultimando os preparativos para que tomen enormes proporções os comícios que se realizarão no dia 20, nos pontos mais populosos da cidade e uma colossal manifestação no Largo de S. Francisco, ás 4 horas da tarde.

Tudo faz crer que estas manifestações constituirão um grandioso acontecimento nos annais das reivindicações populares.

Toda a população deve esforçar-se por comparecer a estes comícios, pois, tratando-se como se trata, de conquistar liberdades e a garantia da subsistência diária, a todos compete prestar a sua solidariedade.

Todos aos comícios!

= MACACOS! =

Não costumamos considerar com pontos de admiração as incoerencias tão communs entre a imprensa burguesa, porque, sendo uma instituição que faz parte da industria e do commercio, tem que ser máquinha para toda obra, objecto de todo negocio.

O que é interessante, e provoca a ironia é o tinte de seriedade que afecta dar às suas campanhas, sempre realizadas em nome da verdade, da justiça, da moral, da patria, da civilização.

A sua actuação na questão operária e social tem sido de mystificação e de silencio, depois de haver esgotado todo o seu repertorio de calunias e de insultos.

Afectando essa seriedade e saindo do mutismo, aquilhoada pelos resultados monetarios, que neste momento lhe pode produzir o ataque soez e infame contra a acção operária, é que "A Noticia" do Rio, em seu n. 60, sob a epigrafe "Obra impatriótica", publica um artigo editorial, dizendo que se vale a pena insinuar no caso da Federação Operária de Santos.

Já é alguma cousa; nós pensavamos que não lhe merecia a menor attenção.

A emérita redacção d' "A Noticia", que com tanto sentimento fala em nome da verdade e pretende darnos lições de cousas, devia saber que o delegado operário actualmente na Europa, em viagem de propaganda, é representante da Confederação Operária Brasileira, da qual fazem parte quasi todas as entidades operárias do Brasil.

Se o sabia, e afirma que é delegado unicamente da Federação Operária de Santos, falo com o proposito perverso de chamar sobre ella a repressão dos governos, visto que se tornaria mais perigoso enfrentar a Confederação.

Apercebe-se, diz, facilmente, os efeitos que pode ter essa campanha feita por operários... As suas palavras, juntas ás medidas coercitivas dos governos dos que pretendem emigrar, basta para os dissuadirem disso.

Ingrata, verdadeiramente ingrata é a obra da Federação Operária de Santos e da Confederação Operária Brasileira, pro-

curando evitar a corrente emigratoria para esta terra, onde, segundo "A Noticia", "recebemos (eles) todos os estrangeiros com verdadeiros carinhos, solicitude e fraternidades".

Certamente, e senão que o digam as esposas, as irmãs, os filhos dos deseseis mil operários mortos a tiros, a fome e a trabalho na construção da estrada de ferro que vai do Mato Grosso ao Amazonas; que o digam os trabalhadores das Docas de Santos e os de todo o país, os que foram deportados por reclamarem pão e melhor trato; que o digam as famílias que diariamente fogem das fazendas.

Nesta questão como em todas as outras explora-se ás mil maravilhas o sentimento patriótico, tendo-se antes fanatisado grosseiramente a infancia nas escolas, no culto exclusivo a um pedaço de terra...

«Não são, não podem ser brasileiros os que assim falam desta terra que a todos acolhe com maternal carinho e a todos com a maior prodigalidade, ternura e alegria oferece as suas opulencias».

Quer isto dizer que foi a terra quem prendeu e deportou os operários, quem creou e modificou a lei de expulsão, pois, a presente agitação operária não tem outro fim senão o de protestar contra essas violências.

As luminosas ideias de tão preclaros jornalistas elevam a concepção humana á altura do Ideal.

No entanto o mais simples e obscuro trabalhador de roça, sabe que ninguém se lembrou de falar mal da terra e da sua flora e da sua fauna, nem do povo que a habita; de quem se fala é da ganancia dos fazendeiros, dos capitalistas, verdadeiros escravizadores que convertem o trabalho nacional e estrangeiro numa fonte de rapinagem e opressão; é contra as autoridades, as quais forjam leis de excepção, deportam trabalhadores honrados, violam domicilios, atropelam mulheres e crianças, incendiam bibliotecas e massacram o povo, para garantirem a escravidão e exploração capitalista.

E já que trazem em seu auxilio afirmações

estupendas, dizendo que "todas as questões de emigração" havidas com os respectivos governos das colonias espanhola e italiana aqui estabelecidas, tem provocado, por sua parte os mais veementes protestos, é conveniente salientar, mas uma vez, a sua flagrante inverdade, e que aqui todo o mundo ri a custa dessas extravagancias.

As colleções de jornais nada suspeitos como «D. Chisciotte», «Il Pasquino Coloniale», «La Nuova Italia», «La Tribuna Espanhola» e «El Diario Espanhol» aí estão desmentindo a «Noticia».

Por occasião da deportação de varios operários de Santos, o protesto das entidades e colectividades dessas colonias foi quasi unânime, protestos que Vieites está exhibindo na Espanha e Portugal.

Se «El Diario Espanhol» se manifestou agora contra esta campanha é porque deixou de ser organ da colonia espanhola, para ser organ dos fazendeiros, portavoz da Secretaria da Agricultura, da qual recebe grossa subvenção.

A proposito da sciencia dos redactores da «Noticia» sobre os trabalhadores coloniais e estrangeiros aqui residentes, qual brilha dizendo que «apenas homens simples e honestos não distinguem os inimigos dos seus interesses, que se insinuam nas suas agremiações de defesa...» não sabemos o que pensar: se são tão imbecis para desconhecerem tão profundamente o grado de cultura do operariado, ou se propositalmente pretendem passar-lhe tão formidável diploma de imbecilidade.

Para cúmulo de incoerencias, no artigo em questão exclamam indignados: «são eles que contra o que aqui viram... nos pintam como um país de usurpação, um povo sem direitos e sem justiça; e na outra pagina, tratando sobre a carestia da vida, escrevem: «Parecem irrealizáveis as promessas do governo sobre a melhoria da situação creada pelos trusts dos generos de alimentação...».

«Hontem deviam realizar-se dois comícios, um não se realizou porque a policia não consentiu. O segundo conseguiu realizar-se porque a policia... provavelmente se desviou».

Agregam ainda no citado artigo: «A nossa difamação está sendo feita por esses elementos, aos quais parece incomodar o bem estar relativo que os operários desfrutam no nosso país».

E na pagina seguinte acrescentam: «A posição do operariado é deploravel com o aumento gradativo dos generos de primeira necessidade. A miseria já invadiu os lares pobres, onde se repetem as scenas dolorosas».

E' este o elevado criterio e a vastissima illustração dos jornalistas da imprensa diaria brasileira, jornalistas que se adaptam perfeitamente ao conceito em que os outros povos tem os reacionarios brasileiros, sintetizado na seguinte expressão: —Macacos!

FLORENTINO DE CARVALHO

A sciencia no exilio

O doutor Queraló, um esforçado e atavissimo sabio que semeava por toda a Espanha as flores do seu rico jardim scientifico, e por isso se viu atadado raivosamente por os proprios camaradas de medicina, aferrados a todas as barbaras tendencias da reacção, e por todos os elementos retrógrados daquele país, foi varias vezes processado, devido a sua campanha de sanidade e os seus racionais e profundamente scientificos trabalhos sobre o aspecto social da luta contra a tuberculose, demonstrando que somente uma organização economica mais igualitaria e equitativa é o meio capaz de combater o terrivel flagelo.

Este paladino da saúde pública e da justiça social, acaba de ser condemnado a 6 anos de desterro e custas, por ter denunciado publicamente uma infamia cometida

por os médicos de um hospital de tuberculose:

Um tuberculoso em tratamento nesse hospital tinha tatuadas no corpo varias inscrições iconoclastas.

Os brutamentos e jesuiticos facultativos intentaram, com ameaças, borrar as tatuagens e convertel-o ao cristianismo, com os procedimentos usados por Torquemada.

O doutor Queraló, justamente indignado, abriu uma campanha contra a brutal e despiadada imposição do fanatismo religioso nos hospitais de tuberculose.

Este protesto humanitario valeu-lhe a pena acima mencionada.

Longe de intimidar-se; Queraló continuava com ardor, semeando as luzes da sciencia, em beneficio da humanidade.

Ao protesto internacional, lavrado contra os verdugos de Queraló, que são os assassinos de Ferrer, unimos o nosso solene protesto.

CARTA DO RIO

Hão de perdoar-me a falta, alias por mim prevista, de remessa de artigos para o *Germinal*? Os meus innumeros afazeres de professorado e de propaganda, a expectativa de um concurso neste mez de abril impossibilitam-me quasi de arranjar tempo, alguns minutos para ler jornais, alguma hora para lhes escrever.

Assuntos não faltam: critica á sociedade moderna, amplos projectos de reforma, ataque ás individualidades mais responsáveis pelos nossos erros quotidianos, tudo são temas inexgotáveis em que muito ha para respirar, comentar, dontrinar.

Mas o tempo, o irremediavel tempo, no seu acanhado remor de segundos, pega sobre a nossa actividade como um teto de bronze.

Estamos presos pelas horas como por travessas engradadas que nos impedem a marcha rapida ou o vôo.

Tambem, até agora, não recebi nenhum numero do *Germinal*. Não sei mesmo si a minha carta foi recebida, si me é garantida a segurança postal ou não serão desviadas as minhas correspondencias para aí. Sei de tantas mizerias da policia de S. Paulo, do despredador predominio da gente clerical, do entranhado odio que votam aos periodicos anarquistas, que a minha attitud é sempre, e justificadamente, de desconfiança.

Seja como fór entro em comunicação com os leais companheiros de S. Paulo, os valentes campeões da *Grande Ideia* e espero que as minhas palavras lhes não serão de todo inuteis. Isso porque nunca é inutil a acção para o melhor. Mesmo os atos mais reprovaveis, si o fim deles era bom, alem das más consequencias immediatas, produz sempre uma indirecta consequencia boa.

Sendo assim, falar-lhes-ei da greve de inquilinos que vamos, com grande esforço, levando avante.

Sabem como aqui se alastrou, por iniciativa unida e exclusiva dos nossos camaradas de Federação Operária, a campanha contra a carestia da vida. Foi uma rude tarefa de propaganda com algumas prizaes, muito discurso, mas resultado moral inapreciavel.

Alguns acham improduttiva esta luta, porque ella não se traduziu em diminuição do preço dos generos alimenticios, ou medidas protectoras do governo.

En penso ao contrario. Si o resultado fosse uma sensivel melhoria ou si o governo se mostrasse zeloso do operariado, abaxasse as tarifas, ativasse a fundação de cooperativas de consumo, etc., poderíamos considerar fallhas ou contraproducentes as nossas tentativas. O nosso intuito capital não é reduzirmos o preço do feijão ou do assucar, é abrir os olhos aos edgos, mostrar, ao operariado não vidente, o processo de exploração que os arruina, que os escraviza e que eles não percebem.

Ora, gritamos nós ao operário: os dirigentes vos roubam, nada fazem por vós sinão obrigarem

vos a trabalhar para eles, prendem a vossa acção por meios das leis e vos impedem de reclamar por meio do soldado.

O operario nos onve gritar, volta-se para o governo e em lugar de encontrar a suavia de exploradores que denunciamos, acha um grupo de homens que «demonstram solicitude por ele, lhes minoram os soffrimentos, lhes dão uma apparencia de caridade e protecção».

Que não ha de responder? Que lhes mentimos, que somos perigosos desviadores, arruicamos sem elevação moral, exploradores do sentimentalismo deles. E não se arremetentam, ficam apenas ao lado do governo como fábrica de dinheiro máquinha de votar.

Si, porem, lhes gritamos aos ouvintes e eles, ao apellarem para o governo, encontram homens que lhes extorquiram o voto, que recebem cem mil reis por dia, que se divertem nos fine é clock e deles não cuidam, surdos á voz dos soffredores, mudos para lhe defender os direitos: si vêm claramente a verdade do nosso clamor, chegam-se a nós, a nos se congregam, conosco se decidem á cruzada anarquista. São nossos irmãos, são nossos companheiros, são militantes do nosso exercito.

Um que a melhoria de condições vitais, neste regime social, por maior que seja, é relativa.

A melhoria que desejamos não é essa melhoria relativa é a melhoria absoluta, a melhoria da propria organização social.

E' preciso que todos se compenetrem de uma verdade.

A melhoria das condições de uma classe operária só se opera com o prejuizo de outra classe operaria. Si a uns operários se concedem vantagens, a outros se arrancam essas vantagens.

Isso porque o parasita não desferia os dentes de um braço que accode sem haver certeza de os ferrar noutro braço imovel.

Portanto, de nada vale a melhoria de condições do povo do Rio de Janeiro, si o povo do interior vai pagar as custas.

Suponhamos que o comerciante que recebe os productos dos lavradores e, organizado em trust, os impõe ao consumidor do Rio por um preço elevado, diante do nosso movimento e para finjar liberdade, abate um tanto por cento nos preços de venda. Julgais que ele soffren, realmente, uma redução no lucro calculado? Engano.

Ele perde na venda para reganhar na compra futura ao lavorador, porque, não estando este organizado em sindicato o dependendo dos commissarios pelo dinheiro aliadado, é a vitima espiatoria do agudor sem escrúpulo.

Logo, quem paga o regalo de uma classe de proletarios é outra classe de proletarios.

Quando o governo aqui oferece a operários as celebres *casas*, em me indignei contra os promotores dessa torpeza e mormente contra os incoerentes produtores que acceitaram esse presente de gregos.

Esqueceram-se os contemplados com a munificencia governamental de que a vantagem que lhes advinha de um aluguel barato era mantida a custa de extorsões feitas aos outros operários desprotejidoss.

Porque, aprendamos bem isto, os parasitas, si hoje vivem com cem querem amanhã mil e não se conformam, sob nenhum pretexto, a viverem com dez.

Prometi-lhes, porém, falar da greve de inquilinos e dela não falei, depois de tão longa estadia.

E' que a greve de inquilinos agora é que se promove e é uma continuação logica da campanha contra a carestia da vida.

Mais do que esta, promete resultados formidaveis. Jean Grave acerton quando nos fez ver que a greve de inquilinos é a melhor greve de propaganda, porque ataca directamente a propriedade e porque interessa nela, alem dos proletarios, a classe media.

Chama a attenção desta para a questão social, abre os olhos a muitos e aumenta assim a fileira dos libertarios.

Ela será o assunto, ainda, da proxima carta.

Sempre amigo
J. ORTICICA



Exposição das doutrinas anarquistas

A Emancipação Económica

(Continuação)

Os colectivistas (quasi a totalidade dos socialistas autoritários) concebem a transformação da sociedade actual, exclusivamente na distribuição dos productos do trabalho: segundo elles a propriedade e os meios de produção já em grande parte são socializados, e citam como exemplo as grandes companhias industriais onde, em vão, querem vêr agir o impulso individual.

Para os anarquistas (comunistas) a transformação será muito mais radical.

Tudo o quadro da sociedade mudará só pelo facto de que a produção para o lucro individual succederá a produção para satisfazer as necessidades directas dos productores associados.

A intelligencia humana apenas pode conceber que revolução esta simples mudança de objectivo, do escopo, provocará no trabalho, nas necessidades e nas relações entre os homens e entre os povos, como também apenas se pode intuir até que ponto o sistema capitalista, a caça ao lucro, tenha permitido os modos e os meios naturais de produção.

Hoje em dia a produção domina o consumo, o commercio tiraniza a produção e a finança tiraniza o commercio.

A industria soffoca e obstrui a agricultura; o capital opprime o trabalho. Todo o plano economico é baseado sobre o principio de preminencia do interesse capitalista.

Só agora notamos esta verdade, porque observamos os contrastes da presente organização economica.

Os campos incultos e os trabalhadores privados de alimentação sufficiente; as industrias locais em decadencia e os cidadãos que, durante a metade do anno se encontram sem trabalho; o interior transformado em vastas solidões interrompidas por mostruosas aglomerações de povo, entre o qual a miseria, os vícios, os crimes germinam e se reproduzem perpetuamente.

E as industrias que, todavia, não dependendo de situações e nem de circunstancias especiais, são a todo transe, excessivamente localizadas, especializadas e concentradas, enquanto que poderiam ser espalhadas em cada localidade; é a mania da grandeza na qual é baseada a produção e sobretudo o commercio, os trusts e os vícios espantosos e as crises terríveis e produzidas por estas causas.

Entre as causas de perturbação e desperdícios de forças, é notavel a enorme quantidade de valores fictícios, efémeros, derivados da má

organização da economia, da dependência da riqueza e dos transportes, as fraudes na fabricação, etc. Emfim, o capital de um país sugeito á direcção de um pequeno número de indivíduos, cujos interesses, caprichos e aciden tes de fortuna, podem obstaculizar consideravelmente e talvez paralisar totalmente o movimento industrial e commercial (Walker); os consumidores estão á mercê dos productores, e ás vezes estão ambos, (visto que estão separados pela semi-circulação do globo) á mercê de innumeraes intermediarios.

Por consequencia, os crimes da especulação, o pânico artificialmente provocado, o monopolio cada vez mais poderoso e atrevido, originado no mesmo seio da concorrência.

O consumo fecha-se fora de toda a medida e proporção com o trabalho.

O individuo que passa o dia a fumar, a tagarelar, a passear de carruagem, com seis vezes em doze horas, e os alimentos mais delicados são lhos reservados, enquanto que os trabalhadores, os doentes, são abandonados á privação de todos os enidos necessarios.

O operario tem, portanto, que dar em trabalho mais do que recebe em alimento, de maneira que o seu balancete annual apresenta um deficit, que aumenta de anno para anno, até a sua morte por inanção. Vêm-se creanças semi-esfomeadas tornarem-se homens fracos, que não obstante são destinados ao exercicio dos trabalhos mais duros e mais embrutecedores.

Todas estas racionalidades do sistema de alimentação, que geram um enorme dispendio de forças, sob a forma de improdutiabilidade de trabalho, de doenças, de crimes etc., no sistema comunista serão certamente eliminadas, porque então, todos nós seremos de tal maneira interessados em ver os nossos camaradas de trabalho bem alimentados quanto nós proprios.

Hoje em dia o operario é constrangido a morrer onde o patrão quer, é condemnado a viver nos centros, proximos á officina; nos logares populosos e infectos das nossas grandes cidades, expellido dos bairros luxuosos como os barbaros do seu territorio, usurpado pela civilização.

Na sociedade comunista, não existindo mais capitalistas interessados no lucro de 20/00 nem tugurios destinados á gente pobre como as *model lodging House Companies*, expellendo sobre a prostituição dos locatarios, poder-se-ha fornecer cada individuo, na sua habitação ou na officina, o volume de ar oxigenado necessario á respiração.

Muito vasta será a revolução na agricultura. Existem immensas extensões de terras para cultivar muita parte do solo para valorizar, e terrenos, os mais varios, para desbravar e tornar productivos, utilizando as aguas como forças industriais e agricolas, e rectificando o curso dos torrentes e dos rios; existem florestas cuja destruição é um crime contra a collectividade, e que hoje em dia os proprietarios são lavados a destruí-las, por interesse individual; ha finalmente, importantes melhoramentos a realizar

na criação do gado e em todas as industrias agricolas.

Por effeito desta grande revolução economica, perante a qual as ideias mais avançadas, concebidas em reformas politicas impalidecem; as industrias divulgar-se-hão em todos o países; as fábricas surgirão no meio dos campos, a cidade difundir-se-ha, por assim dizer, no campo, as casas serão contornadas por hortas e jardins, como actualmente nas grandes cidades; novas estradas sulcarão os territorios, e uma troca mais util do que das mercadorias, uma troca de ideias e uma correspondencia de sentimentos a de sercos fraternos estabelecer-se-há entre os grupos de uma região á outra. Cada nação (região) tendo os seus agricultores e artífices, cada individuo, trabalhando nos campos e nalguma arte industrial, mirará aos seus conhecimentos scientificos e conhecimento de uma profissão. (1)

E a integração economica, preconizada pelos anarquistas, integração que está *inexistente* da sociedade actual. (2)

O collectivista pretende fundar o seu sistema sobre a troca, porque é, segundo elle, com a troca que o trabalhador se fornecerá o aquilo que necessitar.

Ele esforça-se, portanto, para encontrar a medida da troca, a media proporcional entre o trabalho intelectual, entre o penoso e o leve, entre o trabalho atraente e o desagradavel, entre o trabalho immediatamente productivo e o que immediatamente não o é.

Ele faz funcionar todo o mecanismo da produção sobre o esforço criado pelo interesse individual; se o individuo é satisfeito, se os seus bonos de trabalho lhe procurarem uma quantidade de consas suficientes para consumir, o seu interesse pelo trabalho é paralizado e com elle talvez, todo o mecanismo da produção.

Para repol-o em movimento, não ha senão um fraco recurso: aumentar a oferta de bonos, limitando a sua accumulção. E' o sistema imaginado por Kausky para os trabalhos penosos. (Continúa)

F. X. MERLINO

(1) Kropotkin: «The break of our industrial system». Nineteenth Century Abril 1888.

(2) Que a agricultura, a industria e o commercio não progredim em todos os países que *pari passum* e dando-se as mãos, integrando-se reciprocamente e frequentemente affirmado por economistas e para-homens de estado italianos apparece claramente a quem quer que examine as condições economicas do nosso país.

Nós estamos bem longe do pensar na divisão das nações em agricolas, manufacturais e commerciaes.

Nota do autor.

ACORDAI PROLETARIOS!

Proletarios que ainda dormis o sono pesado do indifferentismo, acordai! Levantai sem receio a cabeça e olhai para as duras e negras realidades de nossa vida de operarios. Pensai um pouco nas tristissimas condições em que nos vemos reduzidos, devido somente ao pouco caso com que até hoje havemos ollado, para o nosso futuro, tão seriamente comprometido.

E' preciso que sem mais demora, sacudamos para o longe o pesado jugo do servilismo oppressor, que nos impede de sermos livres e felizes.

Continuar neste abominavel regime de moderna escravidão e caminhar para o suicidio é proprio de covardes. Na antiga escravidão que por tanto tempo avilta o mundo, o escravo tinha direitos que hoje os operarios não têm, pois, quando estava enfermo, era prontamente socorrido para que não morresse, visto ser capital que o possuidor explorava.

Para os patrões, os escravocratas da actualidade, é completamente indifferente que o operario viva ou sucumba á falta de recursos, porque sabem que, quando a miseria lhos arrebatou um, outro virá a occupar o seu logar nas fabricas ou officinas.

Em pago de tantos sacrificios o operario recebe um duro e negro pedaço de pão, que mais parece uma esmola do que uma justa remuneração. No entanto os burgueses, que nada fazem e que por isso mesmo nada produzem, gastam consideraveis somas para satisfazerem as suas loucas vaidades e caprichos.

Não, operarios, não devemos esmorecer perante o sanguessuga capitalista que nos devora. Não que vemos um pouco mais esclarecidamente o nosso futuro, devemos fazer penetrar nos cerebros, ainda obscurecidos pela falta de instrução, a luz brilhante do nosso ideal. A Anarquia, apesar dos esforços que os interessados têm feito para sufocá-la, avança serenamente e a passo de gigante, por sobre todos os obstáculos que em seu caminho lhe lança.

Não, operarios, nós sonhamos uma sociedade em que todos sejamos felizes.

Queremos voltar a occupar o nosso posto no banquete da vida.

Se a burguesia nos impede tomal-o pacificamente, e espera que nos lancemos a seus pés, implorando que nos atire um osso para roer, está enganada.

E' certo que ela se vale do poder e da situação economica com que nos opprimem para escravizar-nos e explorar-nos, não deixando-nos outro recurso senão o do sofrimento ou o de passar sobre os seus cadáveres.

Se a revolução é um dos meios que

nos ocorre para emanciparmo-nos, a culpa é da rapacidade burguesa.

A violencia provoca a violencia, e não fomos nós os que creamos o predomínio da força bruta.

Se nós queremos esmagar o capitalismo e arrancar-lhe a propriedade que nos usurpa; si queremos desalojar-o do poder em que se tem refugiado, não é para exercermos a autoridade, não é para permitir que outra classe o substitua na exploração do trabalho humano.

Nós queremos a emancipação de todos os individuos sem distincção de classes; por isso pretendemos expropriar a classe capitalista, para pôr os bens sociais á disposição de todos, afim de que cada um possa conseguir o seu bem estar e desenvolver as suas faculdades.

Se para levar a effeito esta transformação recorremos á força, longe de cometermos um acto de autoridade, pelo contrario, realizamos um acto de liberdade, partindo as cadeias que nos opprimem.

AURAS

As liberdades brasileiras

Josef-Joubert

Por sentir-se integro, por cantar bem alto as injustiças e as explorações que o capitalismo e os brutos autoritarios exercem sobre as classes trabalhadoras de Sorocaba, foi o companheiro Josef-Joubert condemnado a quatro meses de prisão celular e a multa de 450 mil reis, accusado de injurias á imprensa.

Nesta nação existem muitas liberdades, mas a quem as exercita aforcam o.

Esta infamia não deve porém ficar impune. O protesto dos homens livres deve manifestar-se com toda a energia.

Escravidão Moderna

Regulamento do trafico de escravos para a Estado de São Paulo.

Art. 16. — Quando o governo julgar oportuno promover por conta do Estado, a introdução de emigrantes destinados aos trabalhos agricolas, já como assalariados, já como concessionarios de lotes colonias, autorizará por decreto, o pagamento das respectivas passagens, totalmente ou em parte, a qualquer companhia de navegação ou armador que se sujeite ás condições do presente regulamento.

Art. 17. — A importância do pagamento será correspondente a cada emigrante introduzido neste estado, nas condições do presente regulamento e será fixada, anualmente, no número dos emigrantes a introduzir-se existência vigorante no periodo de um exercicio financeiro.

Art. 18. — A introdução de emigrante mediante o pagamento de toda ou de parte da passagem do Estado, será livre para qualquer companhia de navegação ou armador, que se sujeite ás disposições do presente regulamento, dentro dos limites do numero estabelecido para introduzirem-se cada anno.

Art. 19. — Sendo permitido a qualquer companhia de navegação ou armador que disponha de vapores, nas condições de higiene e de segurança de viagem, e tudo simultaneamente, introdução de emigrantes neste Estado, por conta do Governo, sem contrato, uma vez que se sujeite ás condições prescritas neste regulamento, ou nas actas relativas ao mesmo e sem dano do numero fixado para ser introduzido cada anno, o qual não deverá ser superado, serão observadas as seguintes regras:

a) Nenhuma companhia ou armador começará a introduzir emigrantes, por conta do Estado, sem que, no menos, com um aviso prévio de 30 dias, comunique ao governo que o vai fazer;

b) Sempre que realize qualquer embarque de emigrantes, com destino a este Estado, deverá o introdutor (ou melhor dito, comerciante de carne humana) comunicar ao governo o seu numero com aviso telegraphico, procedente do porto de embarque;

c) O governo remeterá mensalmente ao introdutor ou seu representante nesta capital, um boletim indicando o numero de emigrantes já introduzidos até o fim do mez precedente e aqueles que já estão embarcados e em viagem até aquella data, avisando, com 60 dias de antecedencia, para a suspensão de novos embarques, se o numero, limitado fixado para ser introduzido no periodo do exercicio corrente, tiver de ser augmentado.

Art. 31. — Chegadas os emigrantes a Hospedaria (leis de Senzala) desta Capital, procederá o director da mesma, em presenca de um (negro) representante do introdutor, ao devido controle do acordo com a lista de que trata o § 1.º do Art. 32. (1).

(Continuára)

Sindicato de officios varios

Este sindicato está promovendo uma serie de reuniões para organizar as diversas classes trabalhadoras deste Estado.

Sindicato dos pedreiros e serventes

Por effeito da propaganda que o Sindicato dos Officios Varios já ficou constituído o Sindicato dos Pedreiros e Serventes, o qual está entrando com valentia na luta contra a exploração e a prepotencia.

Sapateiros e carpinteiros

Tambem se estão organizando os sindicatos dos sapateiros e carpinteiros.

..

O movimento operario ressurge com novos brios, para continuar a combater pela completa emancipação de todos os explorados e opprimidos.

Preparai, escravocratas do seculo XX a vossa queda fatal

Para nós, os anarquistas, não é estranho o ver mover-se sobre nós o temor que vos causa a evolução da questão social no Brasil.

O gigante moveu-se, e em sua face recuasteis espavoridos. Forjasteis a lei de expulsão, e contribuisteis assim, para o despertar da imensa leva de escravos, que sob o azorrague moral do vosso autoritarismo caminhavam arqueados, tropeços, famintos, maltrapilhos, em demanda das vossas terras, como um rebanho de carneiros submissos á vara de pastor capitalista, sem um grito de protesto.

Agora podeis rir á vontade. Tendes quasi concluido o vosso *desideratum*. Nós, porém, estamos mais fortes e decididos. Podeis sufocar em parte, momentaneamente nossa acção, mas ela tornará a resurgir. Deportando uns, encarcerando outros, não tereis exterminado o germen da revolução social. Os homens não representam as ideias. O povo irá finalmente compreendendo o erro em que vive, atrofado pela vossa educação criminosa, e reconhecerá em nós os homens da verdadeira justiça. A historia tem demonstrado que as repressões são para nós um passo mais no triunfo dos nossos ideais e o desmoronamento do edificio dos crimes com que vinds, desde o inicio de vossa predominio na terra, ensanguentando a humanidade, gozando como sofrimento das vossas victimas.

Procurando entravar os nossos passos, tentando de abaixar clamores dos revoltados contra o vosso dominio, não fazeis mais do que aumentar successivamente a ruína do pedestal a que estais agarrados, e que alú a cada momento.

Nem todos vós ignorais a historia da humanidade. Apenas o terror vos obriga a empregar um meio qualquer afim de que o vosso bem estar tenha mais algum tempo de duração.

Os grandes movimentos operarios da França, Espanha, Inglaterra, Portugal, etc. serão considerados alheios para vós? Não. E é por tal motivo que agora empreendeis toda a actividade, querendo implantar o *terrorismo* no seio das massas produtoras com a lei famigerada do não mais menos famigerado Adolfo Gordo.

Acreditais finalmente que onde existe a corja de que sois membros, e a *gentinha da plêbe*, existe a questão social.

Acreditais, sim, malvados, e não a podeis negar.

Tambem, com algumas excepções, não ignorais que o anarquismo, longe de ser sinónimo de crime ou de desordem, é uma escola filosofica, scientifica, e a miseria e o despotismo, de cuja existencia sois culpados, são a cauza dos atentados.

Portanto, não deixam de ser productos da vossa organização social, fenómenos naturalissimos da evolução humana.

E a não ser o interesse, só a ignorancia em que viveis amparados pelo poder do ouro, vos leva a negar estas verdades.

Fazeis da palavra *patria* o meio pratico de conquistar dos homens inconscientes, a sua vida em proveito dos vossos interesses financeiros.

Para isso usais de um pano com varios cores, simbolizando uma *draga* qualquer a inspiração de um músico ou de um poeta, cujas intelligencias vivem escravizadas ao vosso dinheiro (o verdadeiro patriotismo).

Nesses antros de corrupção que se chamam escolas publicas, onde mais me ensinaram a marchar, a fazer pontarias e a cantar hinos patrióticos do que a aprender o *A B C*, incutis no cerebro da criança ideias que a sciencia moderna condena: o exterminio dos povos, o derramamento de sangue, para gloria dos banqueiros, dos estaleiros ingleses, da casa Krupp, e dos vossos tesouros. O fumo, o alcoolismo, a sífilis, a prostituição, o jogo, o crime generalizam-se, desperdiçam energias, e vós gozais com todos esses flagellos.

Sustentais que a cadeia é um correctivo, e ela não é sinão, como o quartel, a escola do crime.

Expulsais os *caftens*, que novamente têm franco ingresso no país si vos trazem infelizes para nelas saciades os vossos desejos perversos, quando os maiores *caftens* e *caftinas* são os que sub-alugam os lupanares a essas infelizes. Os termos *caftens* ou *caftinas* são empregados por os seus proprios inquilinos.

Queréis que o jogo e o alcoolismo não seja um facto, quando protegeis os grandes banqueiros e importadores de tudo quanto é nocivo ao organismo humano. Conheçemos a engrenagem que move tudo isso. Confiamos da evolução da ordem natural das cousas. E com o mesmo entusiasmo, com a mesma convicção de sempre, esperamos o dia, não remoto, em que o choque

se dará, e sobre os escombros do vosso império de crimes e desumanidades se erguerá triunfante uma outra vida para o genero humano. Um novo sol irradiará sobre o Globo, e já, livres de pátrias, de religioes de deuses e de bandeiras, entoaremos, por toda a superficie da Terra o lino grandioso e belo da redenção humana, e gritaremos por entre as multidões felizes:

— De cada um segundo as suas forças, a cada um segundo as suas necessidades. Seremos, enfim, um povo de irmãos.

Santos Barbosa

Luta proletaria

Nestes tempos de repressão, de agitações politiceiras e de mistificações com que se pretende aniquilar e illudir o proletariado deste paiz, vem muito oportunamente a realização do 2.º Congresso Operario Brasileiro.

E' preciso que a attitud das classes trabalhadoras fique perfeitamente definida na defesa contra todos os protervos que as exploram no seu trabalho nas suas crenças politicas e suas ingenuidades, de que pretendem tirar partido todos os aliciadores de votos, todos os partidos politicos.

Para levar a effeito o 2.º Congresso Operario, a Confederação Operaria Brasileira enviou a todas as federações, sociedades e sindicatos operarios de toda a nação a seguinte:

«4.ª circular — Caros companheiros: — Como deveis ter conhecimento, pela *Voz do Trabalhador*, a Confederação Operaria Brasileira resolveu, na última reunião da comissão especial organizadora do 2.º Congresso Operario Brasileiro a realizar-se brevemente nesta cidade.

E é continuando os trabalhos, já encetados, para a realização do proximo congresso, que vos dirigimos esta circular, no sentido de bem encaminhar os esforços tendentes ao fim que temos em vista.

As anteriores circulares deixaram bem patente a necessidade urgente dum 2.º congresso, no qual sejam estudados e ventilados os meios praticos de se levarem por diante, mais intensamente, as resoluções tomadas no memoravel 1.º congresso de 1906. Por outro lado, as vossas respostas áquelas circulares, ao mesmo tempo que nos estimularam a proseguir ua rota traçada, vieram fortalecer a convicção, que temos, dos bons e fecundos resultados que, para a nossa causa, trará a reunião dos trabalhadores organizados do Brasil, reunião essa continuadora, sancionadora e executora dos meios de acção estabelecidos em 1906.

Assim, entrando no caminho pratico para a immediata consecução do nosso *desideratum*, esta comissão vem lembrar-vos e expor-vos os pontos a serem preliminarmente resolvidos e acordados entre todos nós, afim de solidificar e levar a bom termo a iniciativa que ora nos preoccupa.

Pedimo-vos, pois, que discutais e decidais, o mais breve possivel, o que se segue:

1.º — A data em que deve ser realizado o congresso.

2.º — Os temas que julgueis convenientes apresentar.

3.º — dinheiro com que podereis concorrer para as despesas do congresso.

Quanto á data ha o seguinte. E' de toda a necessidade que seja fixada ainda para o 1.º semestre corrente, junho ou julho, quando muito. E mais. Naturalmente haverá discordancia nas datas lembradas pelas diversas agremiações. Neste caso, esta comissão resolverá de acordo com a que estiver mais em harmonia com as conveniencias de cada uma.

A respeito dos temas, teremos também que adotar o processo de seleção e harmonização, isso, é claro, sem nenhum prejuizo de qualquer parte.

Outrosim, deveis comunicar-nos, junta a essas respostas, si enviareis delegado proprio ao congresso (o que é mais conveniente); porque, em caso contrario, indicaremos pessoa daqui para esse fim.

Lembramos ainda, e frisamos a importancia da questão, a grande utilidade dum relatório a respeito da vossa agremiação. Esse relatório deverá formar um historico conciso de todo o movimento passado e presente dessa agremiação, assim como a influencia dela no meio operario e social dessa localidade, etc.

Esperamos, caros companheiros, que vos apressareis em nos responder, para que os nossos trabalhos sejam regulados em tempo e em ordem, unica maneira de levarmos ávante, e com bom éxito, a tarefa a que nos propusemos. A realização do 2.º Congresso Operario Brasileiro é de capital importancia no momento actual, para o movimento emancipador do proletariado do Brasil. Ele deve marcar uma era nova de lutas eficazes e proficuas. Ele tem que marcar o inicio duma época de vastas e possantes agitações, que serão a base para as conquistas decisivas, para as reivindicações justicicias.

Saúde e solidariedade. Pela comissão especial organizadora do 2.º congresso, *Astroljido Pereira*.

La Barricata

PERIODICO ANARCHICO

ABBONAMENTO PER IL BRASILE

Annuale 10\$000

AMMINISTRATORE: R. FELIPE

ABBONAMENTO PER IL BRASILE

Semestrale 6\$000

Il re dei benefattori

Bisogna restituire!
ZOLA

Il testamento del morto che è sempre vivo — cioè del banchiere Briccola — il quale col sudore della fronte è riuscito a mettere insieme qualche dozzina di milioni... quel benedetto testamento ha dato luogo non solo alla stura delle lodi per il munifico testatore, ma anche ad una lunga serie di considerazioni, recriminazioni e... maledizioni.

E mentre i brasiliani stanno covando l'idea di erigere una statua ad un morto che è ancora vivo e ad un benefattore che tuttavia, pur promettendo una fortuna enorme, niente ha dato... gli italiani corrucciati strillano al tradimento. Come? Dodici e più milioni ad un istituto di carità... pelosa, indigeno, amministrato da indigeni, mentre l'ospedale italiano vive di rachitica vita, ele-mosinando a destra e a manca quel tanto che lo tenga in piedi giorno per giorno?

Briccola giustifica — se il testamento è vero — il suo lascito affermando che per la benevolenza dei brasiliani si è arricchito. Il suo non è che un atto di riconoscenza. Benissimo!

Però gli italiani affermano che la riconoscenza del Briccola doveva andare tutta ai coloni suoi compatriotti poichè giuocando su i loro risparmi egli ha accumulato milioni.

Meglio ancora!

Come ognuno vede, senza bisogno di occhiali, la ragione è dalla due parti. Senza la benevolenza dei brasiliani, o per lo meno della polizia e della magistratura indigena, crediamo anche noi che molte e tante fortune colossali non avrebbero potuto costituirsi. E' vero anche che senza i coloni italiani molti banchieri non sarebbe andati più avanti dello strozzinaggio su poche centinaia di lire.

A parte queste ed altre osservazioni l'atto in sé stesso è quasi bello. Però non completo.

A noi poco importa sapere se sono stati i rimorsi o profonde meditazioni quelle che hanno persuaso il signor Briccola a promettere dodici milioni ad un ospedale che aiuta i poveri a morire nel santo timore di dio.

Non facciamo il processo alle intenzioni e neppure all'uomo dalle lodevoli intenzioni.

E mettiamo da parte la carità, virtù assai equivoca per quanto teologale.

Certi lasciati in fondo non sono che un atto di restituzione agli spogliati.

Però un uomo quando giunto sul limitare della tomba si accorge di essere stato vita natural durante un usurpatore del bene altrui non deve fare le cose a metà.

Egli deve restituire tutto e ma-

gari gli interessi. Dell'usurpazione i frutti già se li è goduti. Che vuole di più? Non può e non deve lasciare a coloro che sono della sua parentela la metà che non restituisce. I suoi parenti non sono tra gli spogliati.

Proclamino pure, i direttori e amministratori della Santa Casa di Misericordia, il cav. uff. Briccola il re dei benefattori...

Però s'egli pretende che il popolo vada ad incidere sulla pietra del suo sepolcro: *qui giace un... banchiere che morì da galantuomo*; deve restituire tutto, fino all'ultimo centesimo.

Lasciare però tutto ad un ospedale per la povera gente, può considerarsi in buona coscienza un atto di restituzione?

E cos'è un ospedale per i poveri?

Una bella istituzione... borghese!

Esso ci prova che la povera gente non sa dove cader morta.

Prova che il lavoratore giunto al fine della sua giornata non ha una casa, non ha un letto, non ha un medico. Se resta nel suo abito colpito da una qualunque malattia vi morirà per mancanza di tutto.

Egli ha coadiuvato alla costruzione di tante fortune, il suo lavoro ha fatto la felicità di tanta gente; per lui tanti e tanti vivono sicuri del domani... Ma lui morirà come un cane!

La società però si ricorda di di esser cristiana e costruisce degli ospedali, per coloro che non possono morire per la strada. Quando si è felici il dolore altrui desta ripugnanza.

Lo spettacolo della miseria costringe molte persone alla rivolta.

Confiniamo dunque la miseria in un recinto. Strangoliamo il popolaccio in un ospedale perchè i suoi gemiti e le sue impregazioni non turbino la pubblica tranquillità.

E chi lascia i suoi milioni ad un istituto di carità non restituisce soltanto ai poveri, ma aiuta a vivere tutta l'organizzazione burocratica che la carità amministra.

Egli non concorre soltanto a mantenere l'equilibrio sociale, a mantenere aperto uno sfogo ai rancori della gente che soffre il terribile male della povertà, ma conquista anche, oltre al plauso dei vivi, il perdono dell'Altissimo per tutte le marachelle praticate nel corso della vita.

Il popolaccio ha dunque torto di lamentarsi. La borghesia ha il diritto di andarlo a... catechizzare negli ospedali e negli asili da essa per lui costruiti usando, per esempio, argomenti come questi:

— Cosa hai tu da brontolare?...

Di che ti lamenti?... Ammessa anche la mia quotidiana e perenne usurpazione del frutto di

una fatica a cui restai estranea... pensa che non tutti i mali vengono per nuocere.

Che sarebbe oggi di te, s'io, previdente, non ti avesse derubato?

Se hai un gramo giaciglio, una zuppa di fagioli, un medico che corre la maratona nella corsa, una farmacia che ti fornisce del calomelano ed una suora che ti prepara al passo estremo... lo devi a me. Ho capitalizzato i frutti della mia usurpazione e, generosa, senza che la legge mi obbligasse a tanto, ti ho reso partecipe degli interessi della casa in proporzione ragionevole.

Pensa sciagurato che se muori sarai seppellito senza spendere un soldo!

**

No, la restituzione non è la carità. Restituire è reintegrare gli spogliati nel pieno possesso di ciò che loro appartiene poichè fu il risultato di tutte le loro energie in azione.

Non si pareggia, io i conti, a un uomo la cui vita si è acciata sottoponendolo ad una continua usurpazione, offrendogli un giaciglio per allungarvi sopra gli stinchi nello spasimo ultimo.

No, quella non è restituzione, quella è triste carità cristiana.

E come tutte le «buone azioni» cristiane fa schifo.

AUSONIO ACRATE

L'ignoranza è il più grande fattore della patologia umana

Studiare i fattori sociali della patologia umana, significa portare la scienza medica alla sua severa e legittima precisione.

Significa tentare di stradicare seriamente i mali in mezzo ai quali si trastulla attualmente la classe sanitaria, in lotta personale per quanto spesso altamente nobile e generosa.

Fra questi fattori ha il primo posto l'ignoranza.

L'ignoranza popolare è un fattore poderoso e infallibile di morbidità e di mortalità umana. Essa, rinnegando ogni progresso scientifico ed ogni benessere economico, spesso basta da sola a determinare delle cifre molto elevate di mortalità.

E' logico che l'ignoranza predisponga alle malattie quelle che ignorano come queste aggrediscono il nostro organismo e come possano essere evitate. Ma quando a questa ignoranza, che non può essere poi la più grave — tenuto conto della vastità delle nozioni di patologia e d'igiene che per ora non possono, certo, essere patrimonio di tutte le classi sociali, anche la più evoluta — va unito l'analfabetismo e con lo analfabetismo la completa ignoranza morale e politica; allora, senz'altro, quest'ignoranza è causa efficiente di morte ostinata.

L'opera del medico e dell'igienista viene allora neutralizzata, anzi, decisamente combattuta dai pregiudizi popolari, da questi ignoranza creati ed alimentati.

Vecchie usanze, ataviche convinzioni, superstizioni e credenze stupide e pericolose, non permettono che la scienza cammini in mezzo al popolo, apportandovi quella luce di verità da cui soltanto può scaturire il benessere e la salute degli uomini.

L'ignoranza è — in generale — causa di gran parte dei malanni sociali che precedono la morte, perciò essa ha stretti rapporti con la mortalità delle diverse regioni dove essa più incalza.

L'analfabetismo, insomma, va parallelamente con l'alta mortalità. In Calabria, do-

ve v'è il 78% di analfabeti; vi è una mortalità del 30 oio. In Sicilia v'è il 71% di analfabeti ed una mortalità del 25 oio. Nel Veneto, invece, dove gli analfabeti occupano una cifra relativamente bassa — il 31% — si ha una mortalità del 21 oio. E nel Piemonte, dove abbiamo il 18% di analfabeti, vi è una mortalità del 20 oio.

L'analfabetismo è, per sé stesso, ribelle all'educazione fisica, propriamente detta, intesa in senso largo, cioè, con tutti quei mezzi che promuovono lo sviluppo e la sanità del corpo; ribelle più ancora all'educazione igienica, cioè, alla conoscenza dei principii e delle leggi dell'igiene.

Si sente certamente di più l'efficacia dei postulati scientifici, quando si è coscienti; e questa coscienza non viene certo dall'analfabetismo! Quando si è coscienti, possono cadere i pregiudizi e le superstizioni che tengono ostinatamente avvinta l'anima popolare e che non permettono mai il trionfo di una causa civile a beneficio esclusivamente economico delle moltitudini, e che — vediamo — sono causa incorreggibile, non solo di rovina morale ed economica, ma causa di morte.

La propaganda delle leggi d'igiene educa le masse alla credenza di tutto ciò che è scienza, progresso, vita, ed alla rinne-gazione di tutto ciò che è impostura, oscurantismo, morte. La morte va con la ignoranza, perchè è degli ignoranti e dei pinzoccheri la stupida rassegnazione, la credenza fantasmagorica e il destino religioso. E' dei coscienti la lotta decisa e coraggiosa contro tutti i mali e contro tutte le influenze malfiche della Società e della Natura. L'ignoranza, con cui non si spiega il modo come le malattie vengono a demolire gli uomini, porta alla rassegnazione, ch'è l'esponente fedelissimo dell'ignoranza; porta alla Religione, fatta di credenze sciocche e di pericolose superstizioni.

La religione va di pari passo coll'ignoranza, anzi, n'è sua legittima creatura; essa è al pari della sua genitrice — l'ignoranza — sorgente di mali implacabili.

La religione — specialmente quand'essa è intesa nel senso volgarissimo, in cui pur troppo è intesa dalle masse popolari ignoranti e deboli — è una vera fogna di mali che flagellano credenti e non credenti.

Non urge fermarsi su tutte quelle credenze di facile intendimento, che sono solamente nocive ai principii d'igiene, né alle credenze che — ahimè! — in altri tempi, avevano financo invaso la medicina, come, per esempio, delle epidemie che vengono per influenza degli astri, delle malattie che hanno relazione con le fasi della luna e perciò sono inguaribili dall'opera umana! Non mi fermo a tutti le fatture e le stregonerie che costituiscono, in ogni paese, la medicina popolare curativa, senza permettere la pur lontana affermazione di un principio scientifico curativo.

Può l'igiene popolare — se il popolo è così ignorante — essere fondata su principii sani, mentre esclusivamente su questa igiene si basa la salute delle popolazioni?

Da qui si spiega l'ostacolo insormontabile che incontrano le regole d'igiene nella coscienza popolare, ed il risultato spesso assolutamente negativo della loro esistenza. Le religioni, fatte di stupide credenze e di dannose penitenze, di disprezzo per tutto ciò che è salute e godimento del corpo, per divinizzare l'anima, sono perciò fomite di rovina morale e fisica e causa immancabile morte.

Alcune religioni — è vero — hanno dato alle dottrine della Igiene ed alla Medicina, forma di proccetti religiosi — presso i Cinesi, gli Indiani, i Persiani, gli Egiziani e gli Israeliti etc. — ed è per questo che quelle grandi civiltà sopravvivono. Anche la religione cristiana dapprima non fu troppo in antagonismo con l'igiene — se non fosse altro — ben osserva il Celli — per il selvaggio di certi appendici, lavaggio richiesto dai riti religiosi, prima di entrare in un tempio; e per le terme che la Roma antica consacrava alla storia. Ma presto questa religione degenerò ed ecco messa a disprezzo la robustezza e la bellezza e dichiarare peccaminose tutte le attenzioni e le cure fatte al proprio corpo. Ritenuto il corpo una brutta veste dell'anima, bisogna disprezzarlo, martirizzarlo!!!

Le malattie sono un castigo del cielo

per punire i peccati. Per combatterle vi sono il digiuno, la preghiera, la benedizione, nulla più!

Il cattolicesimo, che santifica il sudiciume, non è desso il grande fattore della morbidità umana. E non è tale appunto perchè impastato d'ignoranza e di maledizione?

E come sperare in una resurrezione igienica delle popolazioni, se questa restano imbevute, in grande maggioranza, di questi principi mostruosamente religiosi?

Quando non giova, dunque, intervenire fra queste popolazioni e lanciare la parola del risveglio ed indicare la causa dei mali ed i veri rimedi?

Ma l'ignoranza è per sé stessa conseguenza di un fattore ancora più possente e più grave: la miseria.

La miseria economica è la fonte di tutti i mali fisici e morali.

Tutti i fattori della patologia umana, individuale e sociale, si rispecchiano in questo immenso fattore economico.

La miseria individuale e sociale, apponendosi irrevocabilmente ad ogni agio richiesto dalla medicina e dalle igiene, perpetua e moltiplica le cause occasionali, infettive: alimenta cattive predisposizioni individuali: diffonde tutte le malattie rinnega la scienza e la vita.

Nessuna espiazione umana è possibile, laddove lo squallore economico toglie all'organismo umano tutta la sua innata, ferma reazione che suole agire all'invasione di tutti i microbi, di qualunque natura essi siano, e qualunque genesi essi abbiano.

E' inutile che i sanitari personalmente dettino ricette e prescrivano rimedi.

Quando manca l'alimento fisiologico, quando manca l'ambiente sano, quando manca il riposo della mente e del corpo — mente e corpo che devono torturarsi in una lotta incessante, attraverso la più turpe commedia umana, così feroce ed ingrata verso gran parte di tutte le classi — che sono poi le più utili alla società — quando la miseria economica debilita i centri nervosi e questi non possono offrire nessuna resistenza alle malsane influenze vitali, allora, la sconfitta dell'organismo umano è inevitabile ed irreparabile, ad onta di tutte le generose prescrizioni dei medici, i quali neppure essi, spesso — anch'essi sospinti dai bisogni delle altre classi sociali, — possono tutelare sicuramente la loro vita.

La miseria rappresenta il campo su cui attecchisce e feconda rigoglioso il seme del male.

I fattori biologici, le cause infettive, le cause nervose, le cause di ambiente, le cause climatiche, verrebbero per lo meno attenuate da un benessere economico che concedesse all'organismo umano di reagire potentemente.

Invece, tutti questi fattori — laddove vi è miseria, quella che questo organismo umano debilita e tortura o moralmente o materialmente — trovano il campo della loro più libera e più feroce esplicazione. — E la miseria per noi — essa stessa è il risultato della ignoranza (*).

Dott. GIUSEPPE TROPEANO.

(Dall'«Università Popolare»).

N. d. R. — Il concetto a noi sembra un po' troppo assoluto. Le speciali condizioni dell'ambiente economico, impediscono, alla più gran parte degli uomini, la possibilità di approfittare dei benefici dell'educazione. Se è vero che si è poveri perchè ignoranti, è anche più vero che si è ignoranti perchè poveri.

Liberiamoci dall'ignoranza quanto più ci è possibile, ma liberiamoci anzitutto della povertà.

L'anarchismo questo ha per meta. Esso compie opera di educazione, ma spinge nello stesso tempo ad una sollecita trasformazione dell'ambiente, onde conquistare a tutti la possibilità ed i mezzi di educarsi.

Montjuich

Importante allegoria a colori di
Firmino Sacristà, sul caso Ferrer
S. Paolo 1\$500 — per la posta 1\$8000

Verso l'anarchia

L'umanità attraverso i secoli

Fu un'epoca remotissima in cui gli uomini, non ancora ribellati alle leggi della Natura, vivevano in perfetta anarchia.

Nel comunismo delle ricchezze naturali, nella massima indipendenza fra loro, gli uomini primitivi dovettero godere tale felicità che il ricordo di quei tempi venne tramandato sino a noi per tramite di migliaia di generazioni.

La leggenda popolare racconta come in quell'epoca i fiumi scorressero miele, i poeti la chiamarono l'età dell'oro, e i fondatori di religioni, onde trovare una scusa agli infiniti malanni che poscia aggravarono il genere umano, dissero l'uomo essere stato cacciato da quell'Eden, per castigo di dei spietati, inesorabili. Qual'è la vera causa dei grandi mali che travagliarono poscia, e tuttora travagliano l'umanità?

Scrisse Rousseau: «Maledetto il primo uomo che mise di siepe la terra e disse: questo è mio: quegli credè la proprietà e distrusse la fratellanza».

Dalla proprietà individuale sortì la differenza d'interessi che divisè gli uomini e li cacciò in lotta perenne tra loro; lotta che creò il potere, la classe dei governanti e dei governati, degli oppressori e degli oppressi, dei ricchi e dei diseredati, degli sfruttatori e degli sfruttati. Lotta che, incominciata tra uomo e uomo, si estese alla famiglia, alla tribù, al comune, allo stato.

D'allora in poi la storia dell'Umanità fu un'odissea mai interrotta di sofferenze atroci.

Le piramidi d'Egitto che da migliaia d'anni sfidano l'opera distruttrice del tempo, le grandiose rovine dell'India, dell'antica Grecia, di Roma, ci ricordano il lento martirio di migliaia e migliaia di schiavi, posti fuori della legge, venduti e comprati come bestie da soma, dati in pasto alle fiere nei pubblici spettacoli.

Passa la civiltà Egiziana, passa l'Indiana, passa la Romana e, finalmente la schiavitù viene abolita.

Sarà il medio evo l'Era della vera eguaglianza, della giustizia sociale fra gli uomini? Cesserà l'uomo di opprimere l'uomo? I popoli si daranno il bacio di fratellanza?

Vane illusioni!

Sorgono nuovi sacerdoti che, nel nome d'un dio di pace e d'amore, consacrano nuovi tiranni; e lo schiavo non fa che cangiare di nome. Viene chiamato servo della gleba. È legato alla terra del signore feudale, del clero. Con la terra, il bestiame e gli utensili di lavoro forma una sola proprietà, che passa di padre in figlio, di padrone in padrone. Lavora il fondo a cui è legato ed in compenso riceve una parte minima del raccolto; tanto che basta a non lasciarlo morire di fame.

Passa il medio evo. Gli oppressi, i servi della gleba minacciano di infrangere le catene e i despoti si vedono costretti a dichiarare il servo della gleba d'ogni servitù forzata, padrone del lembo di terra da lui e dai suoi avi cosparsi di tante lagrime.

E sarà egli finalmente libero, felice?

Vana illusione anche questa volta!

Clero e governo sono tuttora padroni dei tre quarti delle terre, conservano un'infinità di privilegi mantenuti da infami leggi, in virtù dei quali privilegi derubano a man salva i miseri soggetti, li tiranneggiano.

Poco a poco il lembo di terra del servo emancipato viene assorbito dalla grande proprietà a causa delle tasse enormi e dei cattivi raccolti.

Ignudo, affamato, il colono si trova costretto a vendere le braccia al miglior offerente per una mercede derisoria. Egli incomincia la salita del nuovo calvario, e d'ora innanzi prende il nome di salariato.

Però tra i milioni di coloni affrancati dalla servitù della terra, avviene un dato numero a cui arride la fortuna: divengono benestanti.

E' la nuova classe di privilegiati, la classe borghese che sale baldanzosa i gradini della ricchezza.

In Francia particolarmente, le plebi disilluse, affamate, cenciose, girano per la campagna riempiendo l'aria dell'ululato della fame, della disperazione.

Le loro grida, il loro stato miserando, non valgono ad intenerire il cuore impietoso dei nobili e del clero, gazzananti nell'oro e sprezzanti perché fiduciosi negli eserciti che stanno a loro difesa.

«Li vedi i privilegiati, gli sfruttatori, i tiranni, gli assassini del popolo? dice il borghese all'operaio».

Orbene, aiutami a sbarzarli dal governo; fa sì che salga al loro posto, e godrai d'ogni bene».

L'operaio accetta, e la Rivoluzione scoppia nel nome dei diritti dell'uomo,

della libertà, dell'eguaglianza e della fratellanza (1789).

Col trionfo della Rivoluzione francese che si estende a tutta Europa, i fondi immensi, immobili del clero e della nobiltà, passano all'attività borghese.

La borghesia ormai è dessa che governa, è dessa che fa le leggi, e con essa risorge il capitale che da migliaia d'anni impera sotto diverso nome e sotto diverso aspetto.

Il capitale colla borghesia, visto nell'agricoltura, nell'industria e nel commercio, un campo enorme di speculazione, di sfruttamento, mosso dalla sempre crescente sete dell'oro, vi si accinge con quell'attività che in breve tempo gli deve creare sì triste fama.

Sorgono come per incanto colossali opifici dove accorre l'artigiano rovinato dalla nascente grande industria, ed il colono.

Ovunque ferve la lotta, (concorrenza) tra capitale e capitale, lotta fatta interamente a spese del lavoratore, lotta che consiste nel produrre molto ed a buon mercato onde sopraffare l'avversario. Lotta che, favorita dal sempre crescente impiego delle macchine, genera la sovrabbondanza di produzione, le crisi, il numero enorme dei disoccupati, il ribasso dei salari, la miseria inesorabile, terribile, accanto all'opulenza del capitale, arbitro sovrano.

Cosa importa ormai al signore borghese, al capitalista, che un operaio, sia desso maschio o femmina, vecchio o giovane, si logori la salute in un lavoro superiore alle proprie forze, disadatto, malsano; in un lavoro che lo condanna prima del tempo all'ospedale? Cosa importa al signore borghese, se il salario con cui retribuisci la mano d'opera del lavoratore non è sufficiente a soddisfare i bisogni suoi e della sua famiglia?

Crepa un operaio?

Egli sa che altri dieci, cento, mille, diecimila accorreranno da lontani paesi, spauriti, ringhiosi, affamati, a disputarsi coi denti il tozzo di pane, la scarsa mercede.

(Continua). E. MILANO

SI CONFESSANO?

«Il popolamento del suolo e la educazione degli abitanti sono i problemi nazionali più urgenti. L'isolamento delle molecole del nostro organismo politico è tale che non si stabiliscono fra esse i necessari contatti e la circolazione di ciò che suole chiamarsi la vita della nazione è nel Brasile difficile e stentata. Basta ricordare il bombardamento di una città brasiliana fatto da una nave da guerra brasiliana, senza che esistesse la guerra civile, senza che un motivo qualsiasi giustificasse simile atto di pura sedizione militare e di perfidia politica. Ebbene, esso, non ci commosse più di quanto ci avrebbe commosso la notizia di un avvenimento analogo accaduto però in Africa o in Asia. Noi ci ignoriamo completamente».

«Non perdoniamo allo straniero la minore offesa al paese, olandese che la massima parte del poco che noi siamo lo dobbiamo allo straniero, e che la letteratura, il giornalismo, il parlamento forniscono a iosa la testimonianza di questa nostra crassa ignoranza di noi stessi».

«Il Brasile che senza improprietà possa dirsi civilizzato, è il Brasile del litorale ove predominano gli elementi stranieri, ove predominano le manifestazioni della vita straniera. E' nel «sertão» che vive il brasiliano autentico: il «caboclo», il «tabuio», il «caipira», nove volte su dieci meticcio, in religione più feticista che cattolico, in massima parte analfabeta, senza opinioni politiche, mancate di civici sentimenti e di riflessione giuridica; primitivo, rudimentale, sfrenato negli impeti, ancora genuinamente barbari delle sue passioni».

«L'unica nostra salvezza come lo fu degli Stati Uniti, dell'Australia e del Canada, sarà l'emigrazione...».

«... Non ostante tutte le affermazioni contrarie, dobbiamo riconoscere che il «vero brasiliano» vede sempre con occhio diffidente lo straniero...».

«... Lo prova il fatto, veramente scandaloso, che, sebbene lo straniero fosse equiparato dalla Costituzione al cittadino brasiliano, si sia promulgata contro gli stranieri una legge di espulsione...».

(«Jornal do Commercio»).

JOSE VERDISSIMO

I talassas della «Tribuna de Santos» l'importante giornale con il quale le troie della rua Martim Afonso — nella vicina città marittima — hanno l'abitudine di involgere i loro panni sudici, per ordine e consiglio di quel gesuita inquisitore che risponde al nome di Pias Bueno (nome che dato ad un cane lo farebbe diventare matto di rabbia!) torna alla carica contro gli stranieri.

Non abbiamo tempo di occuparci oggi con quei mascalzoni; lo faremo però al prossimo numero.

Incoraggiare gli operai ad organizzarsi, ad interessarsi con molta buona volontà delle loro condizioni di salariati, a conquistare quanto è possibile conquistare, sta bene.

Ma non bisogna cristallizzarsi in tale missione d'incoraggiatori e non bisogna lasciare per domani la propaganda dell'anarchismo... perché domani sarà tardi.

Il sindacalismo, giratelo come volete e fine a sé stesso: la sua azione... diretta ed il suo ideale, trovano i limiti tracciati a priori dentro la cerchia della organizzazione capitalistica.

La sua pregiudiziale non è rivoluzionaria e riformistica, anche quando violenta.

Esso pretende al benessere dei salariati, non all'abolizione del salario.

E non ne nasconde l'intenzione, poiché per vincendosi apertamente, si rifiuta a discutere ogni programma.

L'anarchismo è dottrina a sé e non lo si può sminuire per fare gli interessi di una lentezza che solo nelle apparenze lo accompagna, sorgendogli contraria quando vuole affermarsi oltre la resistenza operaia affrettando la soluzione del problema sociale presentando tutto intero il suo programma.

Allora l'anarchismo diventa sovversivo e perturbatore anche per i sindacalisti...

Una proposta di facile attuazione

E' ora di fare qualche cosa!

Considerando che attualmente è impossibile realizzare il nostro desiderio, quello cioè, di affittare nel centro della città un modesto salone, o una vecchia casa da riformare, per farne la sede del nostro «Centro Libertario»;

Considerando che se aspettiamo ancora per attuare simile iniziativa che gli affitti diminiscano di due terzi... vedremo le calende greche, ma il Centro Libertario mai stabilito;

PROPONGO:

Onde non perdere più tempo e visto che di tutte le prese deliberazioni nessuna attuazione, che la casa per il nostro locale di ritrovo si procuri e si affitti in uno dei rioni più popolati, nel Braz o nel Bom Retiro; oppure nei quartieri alti, Bexiga o Bella Cintra.

In tali rioni non è difficile trovare una buona casa possibilmente con un po' di orto pagando un affitto di 200 mil reis più o meno.

L'orto ci potrebbe servire per costruirvi una palestra ginnastica, un tiro a segno approfittando anche di un pergolato per luogo di lettura e di conversazione in tempo di calore.

All'utilità del Centro aggiunte queste altre attrattive, io sono pienamente convinto che i compagni ed i simpatizzanti di S. Paulo non trascurerebbero di frequentare le nostre riunioni anche se dovessero fare un po' di strada a piedi.

Un salone nel centro della città farebbe comodo a tutti, ma si deve tener mente al fatto prescindendo dall'esorbitanza degli affitti che sarebbe difficile non solo trovare il padrone di casa che ce lo affitti, ma anche nelle condizioni a noi necessarie.

Al più potrebbe capitare una sala, più o meno spaziosa, in qualche sobrado, senz'aria e con la luce smorzata dalla claraboia.

E noi abbiamo bisogno di aria e di luce e di non sentirci stretti e soffocati da

un inquinato sconosciuto e che potrebbe anch'essere sospetto.

Bisogna dunque allontanarsi dalla city. Per le feste ci sono i saloni nel centro della città. A noi quello che più preme oggi è un luogo di ritrovo, per lo studio, per lo svago e per discutere tutti intorno alle cose che riguardano il nostro movimento.

Lo giro la proposta ai compagni che desiderano tra noi un continuo affiatamento sulle iniziative da prendersi. Padronissimi gli altri di andare nel centro della città ad intanarsi nei bars e nelle taverne.

LUCIFERO

P. S. — La sede del Centro potrebbe servire anche per la redazione del giornale e si avrebbe una economia reciproca. Non mancherebbe poi qualche compagno che abitasse nel locale tenendone cura.

Quelli che concordano con la mia proposta e che sanno di una casa nelle condizioni di cui sopra si facciano vivi.

Si stabilisca una riunione e si finisca col decidere qualche cosa di concreto e di attuabile.

Massime e pensieri

La differenza essenziale tra monarchia e repubblica consiste in questo, che i delitti e l'oppressione o la tirannia del governo repubblicano sono esercitati «in nome del paese e del popolo» invece che in nome del re. Così la repubblica assolve i governanti da ogni responsabilità. Quando un'infamia vien da loro commessa, scrollando il capo essi possono ripetere: il popolo che vuole così.

Il governo è lo strumento per ottenere ciò cui l'ambizione o l'avarizia aspirano; è la spada per cui ora l'una o l'altra colpiscono, e questo lo chiamano governare. Noi siamo costantemente colpiti o feriti, e lasciamo a chi vuole che tale arma impugni, fino a quando non avremo distrutto l'arma stessa.

S. INCLANDER.

Vi sono due specie di genti nel mondo: quelle che son sempre pronte a far qualche cosa o quelle che senz'altro vanno innanzi e la fanno.

HUBARD.

Contro il malumore

Jaime Landa ha, per mandato della Revista de America, voluto raccogliere le esclamazioni adulatorie, dell'ex-ravascioliano, oggi nazionalista e qualche altra cosa, Paul Adam, esclamazioni in cui c'è un po' di tutto, dalla riconoscenza alla speranza, dalla presunzione alla pappagalata, e che, non vi sarebbe proprio bisogno di farlo notare, sono un panegirico paradossale al paese di Bengodi di cui è signore Hermes da Fonseca.

Non si venga a dire che noi ce l'abbiamo un poco col signor Paul Adam per averci abbandonati...

La perdita non è stata grande.

L'ampollosità letteraria di quel signore non arreca in fondo grandi servizi all'anarchismo, anzi l'opposto. Rumorosa, ma vuota denunciava l'individuo senza convinzioni e seduceva soltanto l'impressionabile del quarto d'ora.

All'anarchismo Paul Adam serve più oggi che ieri... coi suoi entusiasmi che non sono poi a freddo e mettendosi a far l'apologista delle cose bacate.

Se ieri, Adam, anarchico, non riusciva a far pensare — lode ne sia agli dei tutelari della baracca borghese! — oggi riesce a far ridere, sia che zuffoli intorno alle ravanche o che ci tessa l'elogio del paese di Cuccagna da lui scoperto, dopo traversato l'oceano, per impulso spontaneo muovendo alla ricerca dei merli da pelare.

E volendo fa ridere a tutti i costi così sul Brasile, quello che ieri era un asino ed ed oggi un grande letterato, ha cantato al suono della lira... sterlina.

«... Nel fondo delle selve ho trovato «una scuola simbolista completa; quei poeti «hanno letto i nostri scrittori...».

«Nel Brasile è la elite intellettuale che domina: vi sono al governo e nel parlamento scrittori e pensatori di primissimo ordine; ritengo che sia l'unico paese in cui la democrazia sceglie fra gli intellettuali i suoi legittimi direttori... il Brasile «ha talenti eccezionali: è noto che i suoi «ingegneri SONO I PRIMI DEL MONDO (Bum! Bum! Bum! Bum!)».

«... Credo che ciò che distingue la repubblica brasiliana sia il sospetto alla libertà individuale. A noi giacobini accentratori dà una buona lezione quella democrazia rispettosa dell'individuo... Questo «rispetto della individualità umana giunge «ad estremi incredibili... (Proprio incredibili!)».

«Giustamente i brasiliani ne vanno orgogliosi: essi sono repubblicani, sissignore; ma repubblicani sul serio...».

Trascolato lettore, tu a questo punto ci chiedi indubbiamente se Paul Adam è ammattito.

No, caro mio, egli è diventato un uomo pratico. E se vuoi sapere proprio come mai egli sia riuscito a scoprire un'altra volta l'America... rivolgiti direttamente a lui. Non devi stancarti il cervello con una lunga e fiorita lettera; basta una frase, per esempio questa: Quanto ti hanno dato? L...

c. p.

Festa di Propaganda

Mercoledì, 30 Aprile alle ore 8 di sera nel Salone Celsa Garcia, rua do Carmo, 33, avrà luogo una festa di propaganda nella quale verrà svolto il seguente

PROGRAMMA

PARTI I. — L'IDEALE, bozzetto «acciale in un atto: versi di Pietro Gori.

PARTI II. — SANGUE FECONDO, dramma sociale in due atti.

PARTI III. — LA PICCOLA RIVOLUZIONARIA, monologo.

PARTI IV. — GRANDE KERMESSE

PARTI V. — BALLO FAMILIARE.

N. B. — Gli iniziatori della festa contano sulla buona volontà dei compagni per la riuscita dell'amichevole trattenimento e chiedono il loro concorso perché la Kermesse riesca ricca di doni.

Ricerca

Angelo Bordignon, residente nella stazione di Jcoarana, per ragioni d'interesse ricerca il suo amico Giannuario Jalabella. Scrivere all'interessato direttamente.

RISCOSSIONI sulla Paulista e Araraquarense

Nella prossima settimana un nostro compagno procederà alla riscossione nei seguenti paesi delle dette linee ferroviarie:

«Araraquarense»

Taquaritinga
Barinha
Guariboa
Jurema
Candido Rodrigues
Fernai do Prestes
Itayubi
Pindorama
Dobrada

«Paulista»

Rincão
Ibitirama
Tayuva
Bebedouro
Monte Azul
Monte Alto de Jaboatão
Pintaguias
Barretos
S. Carlos do Pinhal

N. B. L'abbonamento al «Germinal» ed alla «Barricata» s'intende cumulativo.

Perciò un semestre od un anno pagato, di abbonamento, per l'uno o per l'altro giornale, è la stessa cosa.

L'abbonamento a due giornali e di 10\$ per anno e di 6\$ per semestre.

Fra giorni pure un altro compagno procederà alla riscossione sulla Douradense.

Noi contiamo sulla buona volontà, mai smentita, dei nostri compagni perché i riscuotitori non perdino il loro tempo.

Amministrazione «Barricata» (a tutto Marzo)

Entrate

PIRASSUNUNGA	
E. Bro. (abb.)	10\$000
CRAVINHOS	
Laplee. (abb.)	10\$000
S. PAULO	
Sott. Julio C. F. Bam. Gorg. A.	
ciascenno 28	6\$000
RODRIGUES ALVES	
Tort. B. abb.	10\$000
K. 7 CAMPO LARGO	
Ott. Grand. e L. Res.	20\$000
DIVERSE	
Pag. oleografie.	8\$000
CURITIBA	
Liquidazione di cassa del Circolo	
«Francisco Ferrer»	67\$000
Sott. Manr. T. 10\$000 — Bartolo 5\$	
Amerigo C. 5\$ — Curzio 5\$ — Am.	
brogio 10\$.	35\$000
Avanzo Ceba.	1\$000
MORRETES (Paraná)	
Antonio Oreda.	10\$000
Totale	177\$000

Uscite

Disavanzo	126\$000
Francobolli	15\$000
	1\$000
Riviste e giornali	13\$000
Quotidiani	3\$000
Carretto	2\$000
Spedito Europa	18\$000
Pennelli e spago	1\$000
Viaggio Jundiahy	2\$000
Carretto	2\$000
Diverse	2\$000
Totale	174\$000
Entrate	177\$000
Uscite	174\$000
Avanzo	3\$000

N. B. Altre entrate che qui non figurano e così altre spese, figureranno nel bilancio del «Germinal» a cui carico è l'amministrazione dai primi del mese.